

XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017

GT-3 – Mediação, circulação e apropriação da informação

COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO E NARRATIVA DO CONTADOR DE HISTÓRIAS

CONECTADO EM REDES NA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO

Meri Nadia Marques Gerlin
Universidade Federal do Espírito Santo

Elmira Luzia Melo Soares Simeão
Universidade de Brasília

COMPETENCE IN INFORMATION AND NARRATIVE OF THE STORY COORDINATOR

CONNECTED IN NETWORKS IN THE INFORMATION SOCIETY

Modalidade da Apresentação: Comunicação Oral

Resumo: A estrutura de conexão, atualmente potencializada pela internet, transforma-se numa importante ferramenta de disseminação da informação e de organização do conhecimento humano. A influência dessa rede digital vai além da quantidade de sujeitos a ela ligados, dentre eles o narrador de histórias, diz respeito a qualidade do uso que se faz dela, direcionando esta pesquisa ao processo de identificação das competências desse sujeito na contemporaneidade. A competência narrativa, composta por saberes, fazeres e atitudes (habilidades), adquiridas em atividades de capacitação formais e informais, pertencentes à área da contação de histórias, encontra-se inteiramente ligada ao contexto da competência em informação que pode ser definida como um processo de internalização de fundamentos conceituais, atitudinais e habilidades específicas necessárias ao processo de busca, seleção e uso efetivo da informação. À vista disso, a pesquisa relatada baseia-se no objetivo de *trabalhar na proposição do modelo da rede de colaboração dos contadores de histórias, ressaltando as competências desse sujeito conectado no século XXI*. Classificando-se como uma combinação de estudos exploratórios e descritivos, assume as características de uma pesquisa participativa, devido interagir com os sujeitos que dela participaram. O processo de observação, intensiva e extensiva, consubstanciou-se perante os elementos de análise das conexões dos contadores de histórias em redes centralizadas, descentralizadas e, em alguns momentos, distribuídas. A colaboração e a cooperação são identificadas como elementos importantes para o sucesso de suas conexões em redes cada vez mais híbridas (presenciais e virtuais). Também foi possível considerar que a articulação das competências narrativa e em informação é extremamente necessária ao narrador de histórias (re) conectado nos ambientes digitais que a sociedade da informação oferece.

Palavras-Chave: Rede de colaboração; Competência Narrativa; Competência em informação.

Abstract: The connection structure, currently enhanced by the internet, has become an important tool for disseminating information and organizing human knowledge. The influence of this digital network goes beyond the number of subjects linked to it, among them the storyteller, refers to the quality of the use made of it, directing this research to the process of identifying the competences of this subject in the contemporaneity. Narrative competence, composed of knowledges, actions and attitudes (skills), acquired in formal and informal training activities, belonging to the area of storytelling, is entirely linked to the context of Information literacy that can be defined as a process Of internalization of conceptual foundations, attitudinal and specific abilities necessary to the process of search, selection and effective use of the information. In view of this, the research reported is based on the objective of working on the proposition of the network model of storyteller collaboration, highlighting the skills of this connected subject in the 21st century. Classifying itself as a combination of exploratory and descriptive studies, it assumes the characteristics of a participatory research, because it interacts with the subjects who participated in it. The process of observation, intensive and extensive, was substantiated by the elements of analysis of the connections of storytellers in centralized, decentralized and, at times, distributed networks. Collaboration and cooperation are identified as important elements for the success of their connections in increasingly hybrid networks (face-to-face and virtual). It was also possible to consider that the articulation of narrative and information skills is extremely necessary to the storyteller (re) connected in the digital environments that the information society offers.

Keywords: Collaboration network; Narrative Competence; Information literacy.

1 INTRODUÇÃO

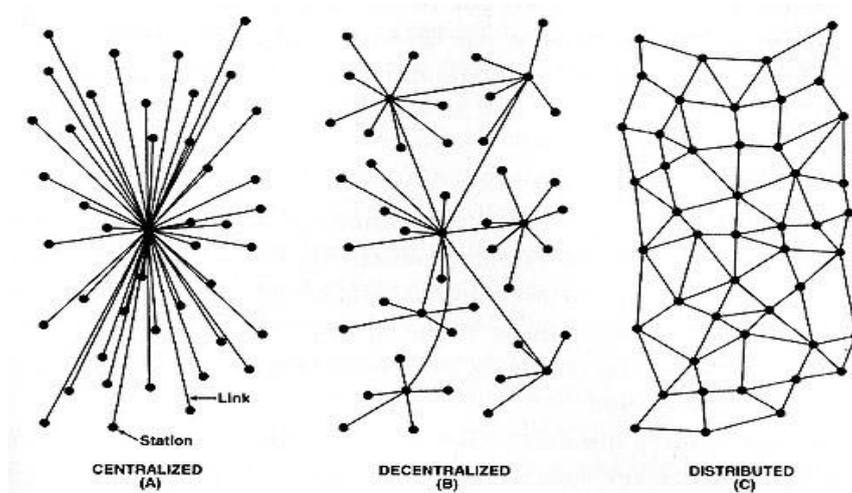
Uma rede social pode ser entendida como um conjunto de nós interconectados, responsáveis pelo entrelaçamento de uma diversidade de atores em contextos híbridos (presenciais e virtuais). Essa estrutura de conexão, atualmente potencializada pela internet, transforma-se numa importante ferramenta de disseminação da informação e de organização do conhecimento humano, tendo como base duas características: a comunicação livre e horizontal (liberdade de expressão de muitos para muitos) e o surgimento de comunidades virtuais no ambiente digital (CASTELLS, 2003; UGARTE, 2008).

A influência da internet vai além da quantidade de sujeitos a ela conectados, diz respeito a qualidade de uso que dela se faz dela. Mediada por computadores, celulares e outros equipamentos eletrônicos, caracteriza-se como uma espinha dorsal da comunicação e, por conseguinte, apresenta-se como uma rede que interliga várias outras. Evidencia-se como uma ferramenta de comunicação cada vez mais interativa, baseada na integração de uma rede digitalizada, com ampla “[...] capacidade de inclusão e abrangência de todas as expressões culturais” (CASTELLS, 2011, p. 461).

De fato, esse ambiente de aprendizagem virtual ¹ fortalece o uso de recursos tecnológicos (computadores, celulares, etc.) que facilitam as conexões dos atores sociais, viabilizando a (re) invenção de um espaço em que se “Desenha e redesenha várias vezes a figura de um labirinto móvel, em expansão, sem plano possível, universal [...] desprovida de significado central, esse sistema de desordem, essa transparência labiríntica” (LÉVY, 2010, p. 113).

A articulação do uso das ferramentas de conexão e transmissão, computador e rede de telefonia trazidos do século XX, fornecem até os dias de hoje um ambiente de colaboração para uma ampla gama de usuários em redes digitais de comunicação. Com isso, surge uma diversidade de composições que as redes podem e devem apresentar. Por meio de três desenhos idealizados por Baran (1964), procura-se entender a progressão do processo de conexão de milhões de sujeitos (Figura 1).

Figura 1 – Rede centralizada, rede descentralizada e rede distribuída.



Fonte: Baran (1964).

A representação, dessas três estruturas de redes, aparece com contornos diferenciados de organização e conduzem ao entendimento de uma diversidade de conexões do sujeito contemporâneo. O relacionamento oportunizado pela rede centralizada torna possível que

¹ O reconhecimento do crescimento do ciberespaço, também conhecido como espaço virtual, resulta de um movimento de experimentação de comunicação coletiva e, por conta disso, que estamos vivendo a abertura de um novo ambiente de comunicação, cabe, então, explorar as suas potencialidades em um “[...] ambiente inédito [que] resulta das novas redes de comunicação para a vida social e cultural. Apenas dessa forma seremos capazes de desenvolver estas novas técnicas dentro de uma perspectiva humanista” (LÉVY, 2010, p. 12).

apenas um nó seja responsável por transmitir informação, por exemplo, enquanto a estrutura da rede descentralizada viabiliza que mais de um dissemine informação para os demais.

Na rede centralizada as tarefas são de responsabilidade de um sujeito apenas, restringindo a atividade de transmissão da informação ou de uma mensagem para os demais membros de um grupo. “A rede centralizada é, portanto, aquela onde um nó centraliza a maior parte das conexões” (RECUERO, 2009, p. 57). Nela a estrutura de relacionamento torna possível que apenas um nó seja responsável por transmitir a informação para os demais membros, diferente de um modelo de rede descentralizada em que a hierarquia possui vários centros.

Por outro lado, numa estrutura da rede distribuída ninguém depende de ninguém para transmitir qualquer tipo de informação/mensagem: “tudo se conecta com tudo” (UGARTE, 2008, p. 25). A conexão de milhões de sujeitos hierarquicamente semelhantes no ciberespaço expressa muito bem a lógica da rede distribuída, na medida o sujeito social pode livremente comunicar-se com seus pares (CASTELLS, 2003; LÉVY, 2010 e 2011). Dessa conexão surge o desenvolvimento de ações efetivas com estruturas de redes “[...] que abrem a possibilidade de passar de um mundo de poder descentralizado a outro mundo de poder distribuído. O mundo que estamos construindo” (UGARTE, 2008, p. 25).

Observar, portanto, a estrutura das conexões dos narradores de histórias na contemporaneidade, permite compreender elementos dinâmicos e de composição dos seus grupos sociais. Esses narradores ocupam várias posições na sociedade contemporânea (narrador, pesquisador, formador, etc.), devendo desenvolver sua arte por meio da busca do compartilhamento de experiências. Em se tratando do acesso à informação disponível e necessária a formação e consecução da prática do contador de histórias, muitas dificuldades são ocasionadas pelo desconhecimento dos mecanismos de busca, recuperação e compartilhamento da informação na rede digital. Em decorrência do exposto, a conexão do contador de histórias em redes digitais depende de uma competência narrativa que se encontra inteiramente ligada ao contexto da competência em informação.

A competência narrativa do contador de histórias contemporâneo é composta por saberes, fazeres e atitudes (habilidades) adquiridas por meio da experiência e em atividades de formação. As atividades de capacitação geralmente são promovidas em seminários, *chats*, *blogs*, cursos e oficinas presenciais e virtuais, traduzidas como estruturas de aprendizagens formais e informais. Essa competência compreende habilidades comunicativas e técnicas adquiridas e voltadas para a transmissão da palavra oral. A competência em informação é definida como um

processo de interação e internalização de fundamentos conceituais, atitudinais e habilidades específicas relacionadas com a informação, bem como, com o compromisso do livre acesso e uso crítico da informação e geração de conhecimento (BELLUZZO, 2013)².

A identificação das competências, que o contador de histórias necessita para a manutenção das suas conexões, torna-se relevante para o desenvolvimento de um trabalho numa rede de colaboração³. As habilidades (saberes, fazeres e atitudes) abordadas no campo da área de atuação desse sujeito e no campo da informação, também são adquiridas por meio da experiência da sua prática cultural. A práxis desse sujeito demanda um constante aprimoramento que pode ser buscado e compartilhado com outros sujeitos nas redes de comunicação (digitais e presenciais). Diante do exposto, a associação das habilidades componentes da competência em informação ao contexto da competência narrativa, conduzem ao objetivo de *trabalhar na proposição do modelo da rede colaborativa dos contadores de histórias de forma a ressaltar as competências desse sujeito conectado no século XXI*.

Tendo como finalidade a proposição de um modelo de colaboração direcionado ao contador de histórias do Estado do Espírito Santo (ES), recorre-se ao estabelecimento de contato com contadores de histórias por meio da aplicação de um questionário de pesquisa e entrevistas (observação intensiva e extensiva). Torna-se importante colocar que as entrevistas não serão destacadas na íntegra nesta comunicação. Por meio da realização da pesquisa relatada, destaca-se o processo de interação entre membros da academia, narradores de histórias e demais interessados pelo processo de criação de uma Rede Experimental de Contadores de Histórias (Reconta) da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes)⁴.

² “Destaca-se que a natureza de estudo da competência em informação envolve conjuntos de ideias em relação ao conhecimento aplicado para interpretar e compreender situações ou fenômenos e se fundamenta, em especial, em teorias da Ciência da Informação” (BELLUZZO, 2013, p. 68).

³ A rede é entendida como uma estrutura de colaboração constituída a partir de relações de trabalho, culturais, humanas e outras, sendo que a sua maior característica é a estruturação de um conjunto com interações sem hierarquização.

⁴ Pesquisa realizada no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCINF) da Universidade de Brasília (UnB) e do projeto de pesquisa “No balanço das redes dos Contadores de Histórias: competência narrativa e informação no século XXI” (N.

Diante do exposto, esta investigação se classifica como uma combinação de estudos exploratórios e descritivos. Os dados coletados e analisados permitiram buscar uma descrição das características do objeto estudado o que não apareceu como uma certeza, mas sim como possibilidades de buscar entendê-lo de maneira flexível. Esta pesquisa é do tipo qualitativa e, em determinados momentos, também assume contornos quantitativos. Quanto aos procedimentos, assume as características de uma pesquisa participativa, devido ser imperativo a interação entre os sujeitos que contribuíram.

2 DESENVOLVIMENTO

A rede de colaboração requer uma certa cooperação que é entendida como “um trabalho em comum” desenvolvido pelos contadores de histórias, auxiliando, desse modo, [...] no processo de um objetivo comum juntamente com outras ações conjuntas, tendo um propósito comum. A colaboração tem um sentido de ‘fazer junto’, de trabalhar em conjunto com interação, não tendo uma figura hierarquizada do grupo” (KNIHS; ARAÚJO JÚNIOR, 2007, p. 4).

A reflexão que gira em torno da estrutura de uma rede de colaboração que envolva processos de cooperação, requer o conhecimento da dinâmica dos encontros de formação e de possíveis trocas de experiências, especificamente voltadas para a área da narrativa oral. A proposta da rede de colaboração da pesquisa, então, deve ser visualizada como uma estrutura de cooperação útil ao contador de histórias.

Esse tipo de organização de rede oferece uma oportunidade de qualificação em consonância não apenas com os ambientes virtuais disponibilizados, mas também para atender aos espaços presenciais, como escolas, bibliotecas e livrarias em que tradicionalmente se fortalecem as relações interpessoais dos profissionais. Refletir a adequação da informação narrativa, suas múltiplas linguagens e contextos de comunicação numa rede virtual e presencial voltada para os contadores de histórias implica saber quais são suas reais necessidades.

A comunicação virtual e presencial na estrutura de uma rede tende a se consolidar no campo de atuação do contador de histórias, consumindo tecnologias que possam fortalecer as

Registro PRPPG Ufes 5601/2014), iniciada no ano de 2014 e com previsão de encerramento em 2017.

relações interpessoais de seus atores. À vista disso, ser alfabetizado digitalmente e informalmente é necessário para que possam aproveitar as inúmeras vantagens que as tecnologias de escrita, informação e comunicação oferecem tanto nos espaços tradicionalmente ocupados quanto no ciberespaço.

Fundamentando-se nas contribuições da Ciência da Informação e áreas afins que consubstanciam o processo de reflexão desta pesquisa, identificam-se saberes, atitudes e fazeres necessários ao processo de manutenção da vida pessoal e profissional dos sujeitos narradores conectados. Consequentemente realiza-se uma avaliação diagnóstica necessária ao processo de análise das competências necessárias às conexões em redes dos sujeitos da pesquisa e, posteriormente, direciona-se à proposição do modelo de rede de colaboração do contador de histórias.

2.1 A REPRESENTAÇÃO DA REDE DOS NARRADORES DE HISTÓRIAS: A AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA EM QUESTÃO

Ressalta-se que os sujeitos narradores utilizam com competência os equipamentos eletrônicos (celular, computador, etc.) e, por conseguinte, que se apropriam de recursos que as redes digitais oferecem. A maioria executa tarefas simples (94,11%) com seus equipamentos e, com isso, usam mídias sociais para comunicar-se (88,24%). Um pouco mais da metade dos narradores (57,35%) acessam essas mídias várias vezes ao dia. As mídias sociais mais utilizadas são as redes de relacionamento como o Facebook (79,41%), redes de compartilhamento de vídeos como o *Youtube* (69,11%) e o tradicional e-mail (58,82%). Quase todos os narradores fazem uso de aplicações de acesso à internet (95,58%), aproveitando essa grande rede para buscar informações de seu interesse (95,58%). As aplicações de acesso mais citadas foram o correio eletrônico (89,70%), mensagens instantâneas (83,32%) e navegadores (77,94%).

Verifica-se que os sujeitos da pesquisa são capazes de localizar a informação desejada (95,58%), selecionam a informação por grau de importância (94,11%) e detectam palavras chaves no processo de busca (94,12%). Em relação aos recursos utilizados para o acesso à informação na web, tornou-se visível que buscadores como o Google são mais utilizados (97,05%) do que as bibliotecas virtuais (61,76%), periódicos *on line* (52,94%), páginas webs (38,23%), blogs (39,70%) e wikis (32,70%). Os narradores também não descartam o uso de periódicos digitais e bibliotecas virtuais que de maneira geral auxiliam no processo de acesso à informação narrativa. Esse tipo de busca consideravelmente poderá conduzir a uma

aprendizagem autônoma importante para o aperfeiçoamento das habilidades adquiridas e para a aquisição daquelas que ainda são necessárias para compor a **competência em informação**.

Em se tratando da **competência narrativa** identifica-se que a maior parte dos contadores de histórias dedica-se ao processo de pesquisas de fontes direcionadas para a prática de narrar necessitando fazer uso da competência em informação que conservam. A maioria seleciona histórias novas (73,53%) lendo (92,67%), ouvindo os pares (23,52%) e recursos áudio visuais (52,94%). Aceitam sugestões (30,88%) dos pares, público, etc. Recorrem aos livros impressos (86,76%), outras fontes na internet (60,29%), CD (25%), etc. No ato de selecionar leva-se em consideração a predileção do público, em sua maioria, infantil (95,58%).

Os critérios mais utilizados para a avaliação da qualidade da informação selecionada são tipo de fontes (75%), autoria (57,35%), acessibilidade (44,11%) e atualidade (58,82%). A maioria dos contadores de histórias capixabas possuem competência para o acesso à informação nas redes digitais, bem como, para avaliar a informação em função de suas necessidades. A informação buscada auxilia cerca de metade do grupo (51,47%) no processo de produção e disponibilização de conteúdos nas redes digitais. Esse resultado esclarece que esse sujeito deve atualizar-se com os processos de busca que permitem o acesso à informação de forma a possibilitar sua efetiva produção, organização e disponibilização em redes de relacionamentos.

O contexto das conexões presenciais, que se relacionam com apresentações performáticas, envolvem o público na maioria das vezes (86,76%), requerendo um conjunto de habilidades e técnicas para que o show possa acontecer (memorização, recriação da história, uso de recursos, ensaio, etc.). Tendo em vista que a maior parte não participa de redes presenciais (79,41%) e virtuais (79,41%) voltadas para os temas de sua profissão, cabe pensar em estratégias que possam incentivar a conexão em redes.

As conexões em redes presenciais são apontadas como importantes para o narrador de histórias buscar formações de maneira mais autônoma, de modo a culminar em processos de formação contínua. Esse sujeito social navega em redes digitais utilizando a internet para buscar informações (95,58%). Tendo mais da metade recebido uma contribuição do espaço virtual no seu processo de formação (63,24%), ainda assim, uma pequena parcela se considera competente para gerir a sua atividade culturalmente no ciberespaço (14,70%).

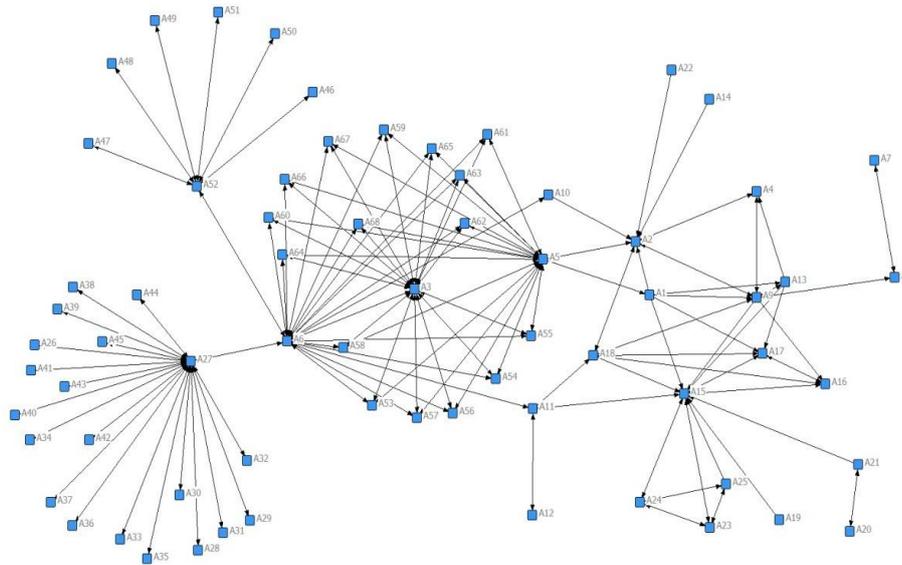
A maioria (88,24%) considera importante o acesso às redes digitais, bem como, uma percentagem menor (35,29%) avalia como sendo mais importantes para melhorar a sua prática narrativa. Uma parcela significativa (26,47%) aponta igualmente a importância desse tipo de

acesso para contribuir, divulgar, legitimar e melhorar a sua prática na contemporaneidade. Os diálogos estabelecidos com os atores sociais da pesquisa (representados pelos nós ou nodos da rede) encaminham para uma breve análise das conexões formais e informais desses contadores de histórias e apontam para a verificação de como elas se sobrepõem.

Com base o estabelecimento das interações dos atores da pesquisa⁵, podem ser representados da seguinte maneira: (1-25) narradores mapeados em vários territórios de atuação, dentre eles professores, pedagogos, bibliotecários e profissionais autônomos, tendo a maioria participado das entrevistas e preenchido os questionários; (26-45) contadores de histórias que atuam em uma escola de ensino fundamental e médio da rede de ensino privada, sendo participantes de eventos de formação realizados no território da escola em que preencheram questionários; (46-52) contadores de histórias que atuam em escolas de ensino fundamental da Prefeitura Municipal de Cariacica que atuam na sala de aula, sendo indicados pelos atores mapeados pela rede, desse modo, preenchendo questionários; (53-68) contadores de histórias que atuam em bibliotecas escolares da Prefeitura Municipal de Cariacica, participantes de eventos de formação realizado no início da pesquisa e que preencheram os questionários (Figura 2).

Figura 2 – Representação gráfica da rede dos contadores de histórias capixabas

⁵ Dos 68 atores sociais (100%) que responderam aos questionários da pesquisa, 19 sujeitos (27,94%) também concederam entrevistas. Especificamente, estabelecemos contato com bibliotecários, professores, atores e contadores de histórias autônomos que atuam ou atuaram na Prefeitura Municipal de Vitória (PMV), ES - Prefeitura Municipal de Cariacica (PMC), ES – Prefeitura Municipal de Jerônimo Monteiro (PMJM), ES – Prefeitura Municipal de Viana (PM Viana), ES – Prefeitura Municipal de Vila Velha (PMVV), ES; com duas escolas do ensino fundamental e médio da Rede de Ensino Particular de Vitória, ES; Projeto Colorir, uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP); Grupo de Contadores de Histórias Chão de Letras da Biblioteca Pública Municipal de Vitória Adelpho Poli Monjardim (FAFI); Empresa A Mala Produções; Grupo - Filhos de Griô do Museu Capixaba do Negro (MUCANI) e GECHUFES via Projeto de Extensão Informa-Ação e Cultura da Ufes.



Fonte: Produzida durante a elaboração da pesquisa.

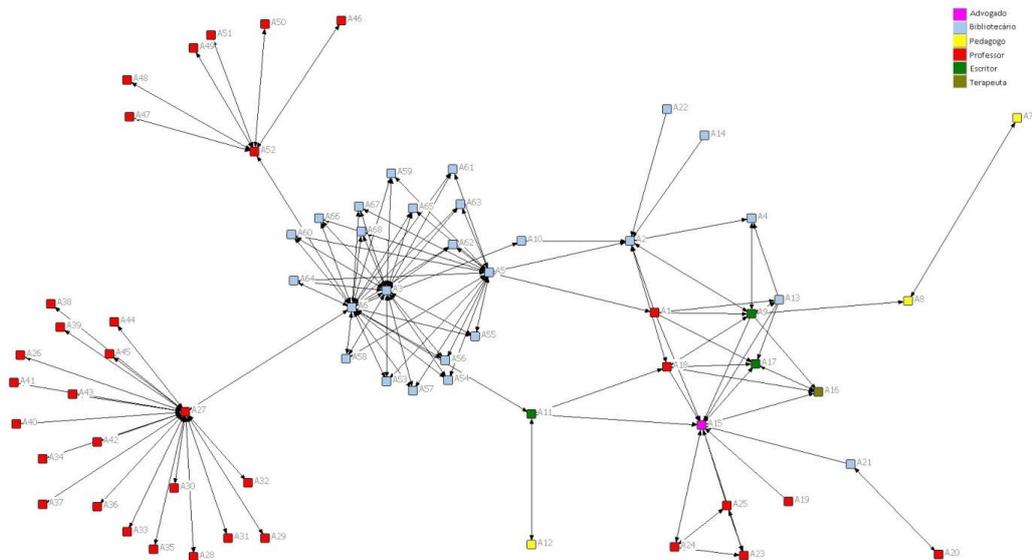
Nota: Uso do software “UCINET 6.586” e do “Net Draw 2.155”.

Por meio da visualização da representação das relações dos narradores, verificam-se conexões que em alguns momentos apresentam-se como centralizadas (lado esquerdo da rede) e descentralizadas (lado direito da rede), e em outros momentos assumem o formato de uma rede distribuída (centro da rede). Ao considerar que uma parcela significativa está conectada às redes de amizade como o Facebook e outras estruturas de relacionamentos, os laços sociais dos sujeitos da pesquisa podem então ser denominados como “multiplexos” (RECUERO, 2009; JOHNSON, 2011). A participação do contador de histórias em estruturas de relacionamento com amigos e em menor grau com profissionais. “O grau de multiplexidade tem sido vinculado a tópicos como a intimidade dos relacionamentos, sua estabilidade ao longo do tempo, a redução da incerteza, o status, o grau de controle de uma “panelinha” [dos grupos fechados] sobre seus membros” (JOHNSON, 2011, p. 58).

As profissões paralelas, a seguir identificadas, são as de advogado, bibliotecário, professor, pedagogo, escritor e terapeuta. Contudo, todos atuam/atuaram profissionalmente como contadores de histórias no cenário espírito santense. Os territórios de atuação perpassam os espaços tempos (formais e informais) de educação, informação e cultura como bibliotecas, centros de educação infantil, escolas, praças, livrarias e OSCIP, etc. No que se refere a troca de informação e a produção de conhecimento, não se trata apenas de pensar na estrutura da rede dos contadores de histórias conectados em redes e, sim, direcionar o olhar para as estruturas

de relacionamentos cotidianamente formadas e tendo como base essas duas estruturas. Nesse sentido, a análise do perfil do sujeito narrador permite considerar que a maior parte possui curso superior (35,29%) e cursos de pós-graduação (61,76%), representando um tipo de narrador que possui profissões paralelas e que, ao mesmo tempo, mantém ligações com outras áreas de atuação. Enfoca-se, nesse momento, o atributo da rede que se volta para a profissão paralela que os contadores de histórias desenvolvem (Figura 3).

Figura 3 – Atributo de profissões paralelas à área da contação de histórias.



Fonte: Produzida durante a elaboração da pesquisa.

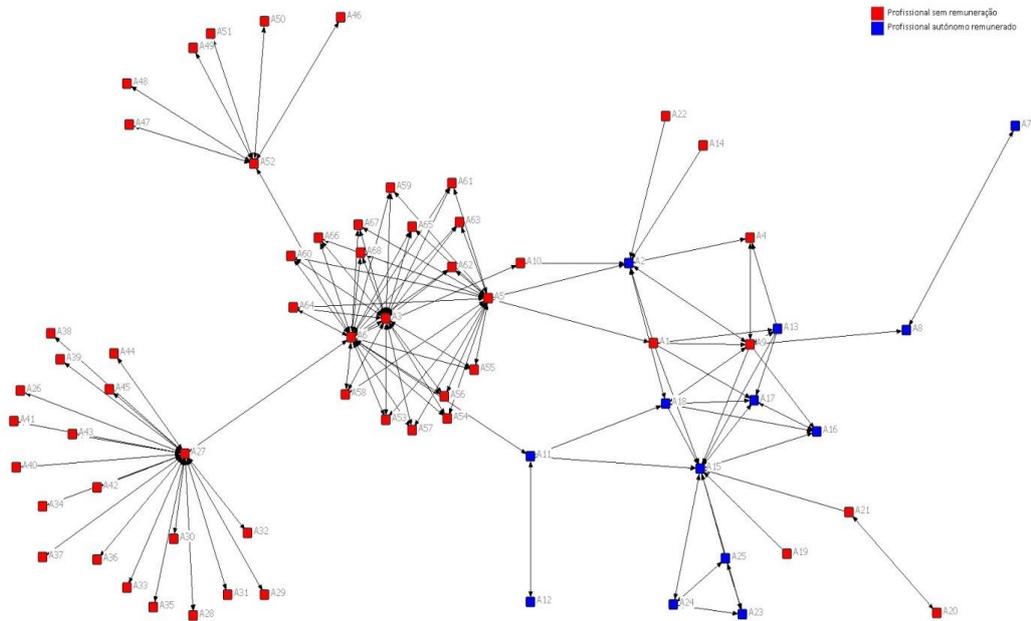
Nota: Uso do software “UCINET 6.586” e do “Net Draw 2.155”.

Os laços fracos⁶ na rede em alguns momentos estão relacionados com os tipos de profissões paralelas às áreas da contação de histórias, como por exemplo na função de pedagogo (cor amarela). Se por um lado o atributo de profissões paralelas parece não conferir sentido a explicação para os laços fracos, por outro lado a profissão de professor (cor vermelha) e bibliotecário (cor azul) parece fortalecer os vínculos sociais dos contadores de histórias dessas classes de profissionais. Ao analisar o atributo de tipo de ligação com a área da contação de histórias, visualiza-se um certo fortalecimento no que se refere as relações sociais

⁶ “Refere-se às nossas relações menos desenvolvidas, mais limitadas no espaço e no tempo e de menor profundidade afetiva. Esse conceito está intimamente associado ao fluxo da informação dentro das organizações e, por definição, seu uso carece de sentido em vínculo sociais mais fortes, como em relações multiplexas e de influência” (JOHNSON, 2011, p. 59).

dos sujeitos que atuam sem remuneração específica em espaços como bibliotecas e escolas (Figura 4).

Figura 4 – Atributo de ligação com a área da contação de histórias



Fonte: Produzida durante a elaboração da pesquisa.

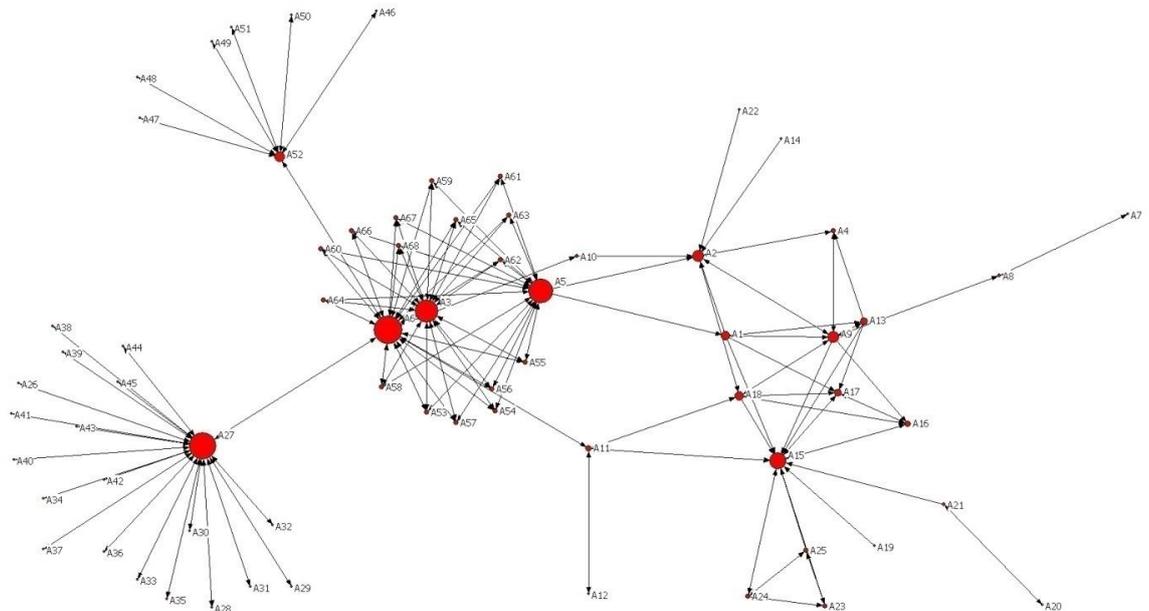
Nota: Uso do software “UCINET 6.586” e do “Net Draw 2.155”.

Perante a análise do atributo de tipo de ligação com a área da contação de histórias, verifica-se que os profissionais sem remuneração específica (cor vermelha), na maioria das vezes, se relacionam entre si. Com isso, pouco identificam-se laços fracos no desenho da parte centralizada e distribuída da rede. Enquanto que o tipo de ligação profissional autônomo remunerado (cor azul) estão todos localizados na parte mais descentralizada da rede.

Cabe colocar que há laços fracos em todos os pontos da rede, contudo, que representam pontes que ligam diferentes territórios: escola à biblioteca; museu à biblioteca; rede particular à rede pública de educação; etc. As conexões em redes desses sujeitos podem ser entendidas com a representação dos territórios de atuação dos narradores de histórias e, principalmente, por meio da interação síncrona ou assíncrona (RECUERO, 2009). Ao identificar os sujeitos que

exercem uma certa influência dentro da rede mapeada, destaca-se o grau de centralidade⁷, obtido por meio da análise das interações da rede que se refere ao número de atores com os quais um certo ator está diretamente relacionado. Nesse sentido, aparece como uma medida que procura verificar a importância de um determinado nó para a rede de contadores de histórias (Figura 5).

Figura 5 – Indicador do grau de centralidade da rede de contadores de histórias.



Fonte: Produzida durante a elaboração da pesquisa.

Nota: Uso do software “UCINET 6.586” e do “Net Draw 2.155”.

A figura analisada junto aos percentuais de grau de entrada (sujeitos que foram indicados) e saída (sujeitos que indicaram) de todos os nós, torna visível o fato de que os nós A3, A5, A6 e A27 representam os atores centrais da rede sendo indicados em maior número pelos sujeitos da pesquisa (Tabela 11). “A centralidade e a criticidade **estão** fortemente relacionadas com as características do trabalho” (JOHNSON, 2011, p. 77, grifo nosso). As relações profissionais que os unem nos territórios de atuação devem ser levadas em consideração na análise desse quesito, contribuindo muitas vezes para o grau da centralidade.

⁷ Tenta revelar o quanto um determinado indivíduo é central para essa rede (JOHNSON, 2011).

Quadro 1 – Grau de entrada e saída e entrada.

Atores	Grau de saída	Grau entrada	Percentual do grau saída	Percentual do grau de entrada
A1	5,000	1,000	0,075	0,015
A2	3,000	8,000	0,045	0,119
A3	17,000	17,000	0,254	0,254
A4	2,000	3,000	0,030	0,045
A5	18,000	16,000	0,269	0,239
A6	21,000	19,000	0,313	0,284
A7	1,000	1,000	0,015	0,015
A8	2,000	2,000	0,030	0,030
A9	7,000	6,000	0,104	0,090
A10	1,000	1,000	0,015	0,015
A11	3,000	2,000	0,045	0,030
A12	1,000	1,000	0,015	0,015
A13	4,000	2,000	0,060	0,030
A14	1,000	0,000	0,015	0,000
A15	4,000	12,000	0,060	0,179
A16	2,000	4,000	0,030	0,060
A17	2,000	5,000	0,030	0,075
A18	5,000	3,000	0,075	0,045
A19	1,000	0,000	0,015	0,000
A20	1,000	1,000	0,015	0,015
A21	2,000	1,000	0,030	0,015
A22	1,000	0,000	0,015	0,000
A23	3,000	3,000	0,045	0,045
A24	3,000	3,000	0,045	0,045

A25	3,000	2,000	0,045	0,030
A26	1,000	1,000	0,015	0,015
A27	20,000	20,000	0,299	0,299
A28	1,000	1,000	0,015	0,015
até A51				
A52	7,000	7,000	0,104	0,104
A53	3,000	3,000	0,045	0,045
até				
A68				

Fonte: Produzida durante a elaboração da pesquisa.

Nota: Uso do software “UCINET 6.586” e do “Net Draw 2.155”.

A proposição do modelo se justifica pela intenção de captar a estrutura da rede dos contadores de histórias analisada (predominantemente centralizadas e descentralizadas) e, com isso, pensar a criação de uma rede colaborativa que envolva numa estrutura mais distribuída os contadores de histórias do Estado do ES. Destaca-se nesse contexto, a característica híbrida que essa rede deve assumir na contemporaneidade, possuindo espaços que possam engendrar estruturas de comunicação presenciais e virtuais, sendo capaz de ampliar os contatos desses profissionais que se relacionam cotidianamente pelos territórios da vida.

O pertencimento a diferentes grupos fechados muitas vezes formadas nos territórios de atuação, justifica o grau de entrada e de saída em termos de indicação dos atores da rede. O pertencimento aos grupos que os identificam (grupos de trabalhos; grupos de formação presenciais; espaços de relacionamento virtual; etc.), muitas vezes, dificultam uma identificação clara dos agrupamentos. As tecnologias de informação foram em grande parte responsáveis pelo processo de indicação dos atores da rede, tendo em vista que muitos estão conectados às redes sociais na internet. Não apenas em termos de comunicação no âmbito profissional, mas também relacionado ao processo de busca da informação, atesta-se a importância da rede digital.

2.2 A PROPOSIÇÃO DA REDE DE COLABORAÇÃO DO CONTADOR DE HISTÓRIAS: A VIABILIZAÇÃO EM QUESTÃO

Por meio das relações que são tecidas, muitas vezes, numa estrutura de comunicação centralizada, o contador de histórias busca apoio em instituições de informação, cultura e educação para a subsistência de sua arte. Esse tipo de relacionamento pode chegar ao formato de uma estrutura descentralizada, em que aparece necessariamente a hierarquia (UGARTE, 2008). Tendo em vista que nesse caso o sujeito narrador se torna responsável por comunicar a informação o controle continua sendo sua marca registrada, não chegando a assumir a característica de uma rede distribuída em que os sujeitos deveriam ser livres para buscar, produzir e compartilhar informação.

Essa estrutura de comunicação descentralizada continua possuindo como maior característica a hierarquia, não permitindo aos narradores deter o controle daquilo que deve ou não ser disseminado. O espaço virtual da internet é um exemplo do exposto e, com isso, cita-se a característica dos encontros de formação do Grupo Experimental de Contadores de Histórias da Ufes (GECHUFES), um projeto de formação presencial.

A coordenação desse grupo criado no final do século XX disponibilizava informações sobre os cursos oferecidos numa página web (GECHUFES, 2011), tornando possível que os participantes pudessem acessar livremente o conteúdo disponível no ciberespaço, sem precisar de intermediários. Todavia, a estrutura de comunicação dos sujeitos que participaram desse Grupo Experimental ligado à Universidade, ainda não se caracterizava como uma rede de comunicação distribuídas.

A estrutura hierárquica, o funcionamento no espaço presencial e a gestão centralizada do GECHUFES são elementos apresentados como uma forma de comparação para o processo de proposição do modelo de rede de colaboração e, por conseguinte, procuram nortear as futuras ações da rede dos contadores de histórias dentro e, principalmente, fora da Universidade. A sua implantação demanda um tipo de gerenciamento que deve partir dos próprios atores que a utilizarão (Quadro 3).

Quadro 3 – Comparativo das ações do grupo experimental e da proposta rede de colaboração

GRUPO EXPERIMENTAL

REDE DE COLABORAÇÃO

Rede centralizada e descentralizada	Gestão é da coordenação do grupo de extensão universitária	Rede descentralizada e distribuída	Gestão dos atores centrais da rede
-------------------------------------	--	------------------------------------	------------------------------------

Estrutura hierárquica	Público composto por narradores profissionais, iniciantes e interessados em adquirir habilidades técnicas.	Estrutura colaborativa tendo o apoio de projetos de pesquisa e extensão universitária	Público composto por narradores profissionais autônomos, sem remuneração específica, apoiadores e público, etc. interessados em compartilhar informações variadas.
-----------------------	--	---	--

Foco do trabalho na competência narrativa	Atuação no espaço presencial	Foco do trabalho na competência narrativa e em informação	Atuação em espaços híbridos
---	------------------------------	---	-----------------------------

Atendimento em territórios presenciais	Acesso e busca da informação em encontros de formação presencial e na página web do grupo.	Atendimento em territórios presenciais e virtuais	Acesso e busca da informação na rede colaborativa, porém não se encerrando nela.
--	--	---	--

Produção de conhecimento e compartilhamento	Avaliação do processo realizado na maioria das vezes	Produção de conhecimento e compartilhamento	Avaliação do processo realizada
---	--	---	---------------------------------

no espaço de pela coordenação do na rede pelos sujeitos da formação presencial. grupo. colaborativa, rede colaborativa. podendo assumir diversas formas.

Fonte: Produzida durante a elaboração da pesquisa.

O modelo de rede de colaboração dos contadores de histórias deve, então, ser gerido coletivamente por um grupo que possa reunir e trabalhar com elementos da competência narrativa e em informação num âmbito institucional e ao mesmo tempo autônomo. Deve promover ações relevantes em diversos espaços de atuação presenciais e virtuais (híbrido). O modelo proposto é idealizado ao partir de dois eixos norteadores, representando na atualidade inúmeras possibilidades de compartilhamento de informação e produção de conhecimento: ambiente presencial e ambiente virtual. Engloba ações inteiramente relacionadas com a competência narrativa e imbricadas com a competência em informação, ambas em permanente construção. Cada um desses eixos pode ser entendido juntamente com sua respectiva contribuição para a proposição do modelo da rede de colaboração.

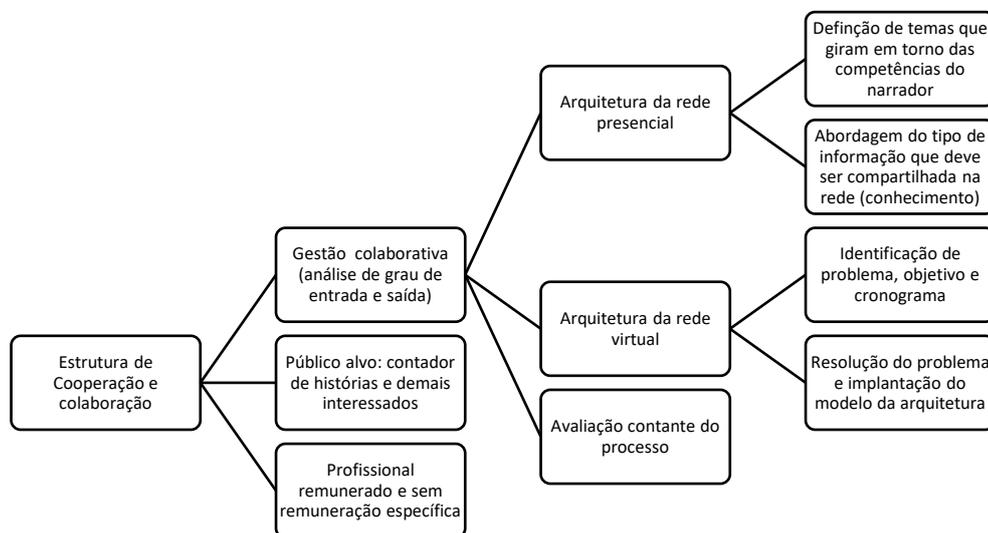
A primeira dimensão do planejamento da rede de planejamento correspondeu aos temas relacionados com as competências necessárias ao contador de histórias e, por conseguinte, aos objetivos que conduziram a esse público alvo em específico. Cabe, então, expor que a sua proposição teve como meta apresentar um modelo de colaboração em que o narrador buscasse e usasse informações relacionadas com a sua área de atuação. Estando essa meta inteiramente relacionada com a competência narrativa e em informação desse ator social, enfoca-se que tanto o polo presencial quanto o virtual são responsáveis pela promoção de pesquisa e formação (em oficinas, rodas de diálogos, cursos, seminários e outros eventos) direcionada para o seu campo de atuação.

A rede que representa esse coletivo deve estar voltada para as estruturas de comunicação formais e informais, sendo constituídas de maneira a alcançar alguns propósitos entre os quais destaca-se a fruição da informação existente e a produção de conhecimento voltados para a arte de narrar histórias. Nela, por conseguinte, a competência (narrativa e em informação) desse profissional deverá ser colocada em questão. Porém, a proposição de um modelo de rede de colaboração direcionada para a realidade do contador de histórias, permitirá que os sujeitos sociais interajam e compartilhem informações em espaços híbridos. O

planejamento da estrutura de comunicação que se dará no ambiente digital estende-se para o espaço presencial, e vice e versa. Estimulando, com isso, a interatividade e participação dos sujeitos narradores que poderão contar com as duas estruturas de relacionamento.

Os principais atores da pesquisa, os contadores de histórias, são sujeitos que auxiliaram e continuam a auxiliar no processo de constituição da pesquisa de campo (aqueles com característica mais tradicionais ou que atuam no meio urbano com ou sem formação específica), fornecendo, com isso, elementos importantes para o delineamento do modelo de rede apresentado por esta pesquisa (Figura 6). Logo, a rede de colaboração proposta teria que ser o mais auto administrável possível, conforme pontuado pelos próprios narradores, devendo ser o mais autônoma possível de forma a auxiliar em questões práticas do cotidiano de trabalho.

Figura 6 – Estrutura da rede de colaboração



Fonte: Produzida durante a elaboração da pesquisa.

Na atualidade a rede de colaboração funciona em um espaço de interação presencial, por meio de cursos de formação conduzidos pelos próprios contadores de histórias dentro da Universidade, sendo caracterizada pela estrutura de cooperação e colaboração prevista no modelo. Na seleção dos profissionais (remunerados e sem remuneração específica) leva-se em

consideração o grau de entrada e saída da rede representada nesta pesquisa, ao contar com estratégias de ampliação e alimentação da rede de narradores. Por meio da criação da arquitetura de uma página web, pretende-se contemplar a estrutura com a interface de uma *homepage* centrada no principal ator social da rede: o contador de histórias e demais interessados pela prática (público alvo).

Com a criação da arquitetura híbrida pretende-se ampliar a disponibilização de informações voltadas para a prática do narrador, ao assumir a perspectiva trans e interdisciplinar. Desta maneira, a equipe que viabiliza os processos de implantação e avaliação da rede de colaboração, além dos profissionais de diversas áreas envolvidos, deverá ser composta pelos próprios atores sociais. Percebe-se, com isso, que nessa área de atuação, o profissional pode se deparar com frustração, sucesso, alternativas, aprendizagem, produtos, serviços, projetos e necessidade dos sujeitos envolvidos no domínio das tecnologias disponibilizadas na sociedade contemporânea.

Perante uma perspectiva de trabalho inserida no campo da Ciência da Informação, a adaptação das informações para disponibilização das informações por meio da *web site* da rede, exige um processo de planejamento baseado no diálogo com diversas disciplinas e outros campos de organização de conhecimentos. Diante do fato de que o modelo de rede direcionada para a prática do contador de histórias deverá ser planejado com o coletivo, a divulgação dos produtos e serviços comumente disponibilizados tradicionalmente em espaços presenciais e que proporcionam interações face a face deverá ser ressignificado. As relações presenciais revitalizam de maneira mais direta projetos comuns entre os sujeitos que formam a rede. O ciberespaço tende a auxiliar na superação das barreiras que impedem o relacionamento em rede tornando-a mais descentralizada em alguns momentos.

Entende-se que o compartilhamento de informações relacionadas com as habilidades que compõem a competência narrativa e a competência em informação são vitais aos contadores de histórias, uma vez que potencializam as relações de compartilhamento de informação e produção de conhecimento sobre a área. A proposição de uma rede de colaboração requereu entender minimamente como as relações dos atores sociais é desenhada no cotidiano espírito santense. A apresentação das possibilidades de análise das conexões desses atores sociais conduziu a uma identificação das relações que são estabelecidas nos diversos territórios, unidade sociais que ligam grupos, atores sociais, contadores de histórias uns aos outros.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As relações determinadas pelo contexto cultural puderam ser visualizadas no desenho assimétrico da rede de colaboração dos contadores de histórias desta pesquisa. Com a representação da rede percebeu-se uma relação não igual para todas as partes, já que existem diversas diferenças em termos de ligação profissional com a área, campo de atuação, estrutura dos grupos de formação, etc. Essas diferenças puderam ser visualizadas nas análises das relações determinadas pelos próprios atores da rede, refletindo por meio das suas conexões, as relações que comumente são estabelecidas formal e informalmente. Os tipos de consultas que são feitas informalmente aos pares, público e/ou apoiadores, são realizadas em paralelo com os canais formais de busca de informação que as redes digitais e sociais oferecem em diferentes territórios de atuação.

Com o desenvolvimento da pesquisa observou-se que as relações mantidas com os pares no ambiente presencial, comumente possibilitam a aquisição de experiência para a composição da competência narrativa do contador de histórias. O espaço virtual e presencial é utilizado para pesquisar material de trabalho, auxiliar no processo de aprendizagem que se dá por meio do compartilhamento da experiência dos contadores de histórias tradicionais e por meio da participação em pesquisas, cursos e outros eventos na área. Obtendo, assim, informações relacionadas com a prática de narrar se conduzem a produção de conhecimentos sobre a narração de histórias e a criação de produtos e serviços indispensáveis à manutenção do trabalho baseado numa tradição milenar.

Com a avaliação diagnóstica e identificação de atributos da rede, analisamos um contexto que revela redes multiplexas. A potência do estabelecimento dos laços sociais dos atores auxiliou na proposição da rede de colaboração do contador de histórias. Os laços fortes e fracos, assim como, outras tipologias e outras definições principalmente no que concerne ao relacionamento no virtual foram levados em questão. Porém, o estabelecimento de uma rede virtual não apareceu como sinônimo de um desenho de comunicação descentralizado ou distribuído. A estruturação das redes em ambientes virtuais pode até tornar possível a visualização da ampliação do oferecimento de produtos e serviços do contador de histórias, entretanto, requer competência em informação e, por conseguinte, habilidades específicas a esse ambiente, para mudar a estrutura de comunicação centralizada comumente visualizada no campo da narrativa oral.

Por fim, foi possível considerar que o processo de observação, intensiva e extensiva, consubstanciou-se perante os elementos de análise das conexões dos contadores de histórias em redes centralizadas, descentralizadas e, em alguns momentos, distribuídas. A colaboração e a cooperação são identificadas como elementos importantes para o sucesso de suas conexões em redes cada vez mais híbridas (presenciais e virtuais). Também foi possível considerar que a articulação das competências narrativa e em informação é extremamente necessária ao narrador de histórias (re) conectado nos ambientes digitais que a sociedade da informação oferece.

REFERÊNCIAS

BARAN, Paul. On distributed communications networks. **Communications Systems** – IEEE Transactions on, v.12 , n. 1, [p. 1-9](#), 1964.

BELLUZZO, Regina Célia Baptista. Competência em informação: vivências e aprendizados. In: BELLUZZO, Regina Célia Baptista; FERES, Glória Georges (Org.). **Competência em informação: de reflexões as lições aprendidas**. SP: FEBAB, 2013. p. 65-80.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede: a era da Informação: Economia, sociedade e Cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GECHUFES. 2011. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/pegechufes/>>. Acesso em: 11 ago. 2014.

JOHNSON, J. David. **Gestão de redes de conhecimento**. São Paulo: Editora Senac, 2011.

KNIHS, Everton; ARAÚJO JÚNIOR, Carlos Fernando de. Cooperação e colaboração em ambientes virtuais e aprendizagem matemática. In: Congresso de Leitura do Brasil, 16., 2007, Campinas, SP, **Anais...** Campinas, SP: ALB/UNICAMP, 2007.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2010.

LÉVY, Pierre. **O que é virtual?** São Paulo: Editora 34, 2011.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

UGARTE, David. **O poder das redes: manual ilustrado para pessoas, organizações e empresas, chamadas a praticar o ciberativismo**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.